

A pesquisa eleitoral na Alemanha

Um dos objectivos mais nobres dos estudos eleitorais num contexto comparativo nacional e internacional é tornar claro o modo de funcionamento dos processos eleitorais. Sabemos que a democracia está em permanente evolução, uma vez que é, em si mesma, um processo. Deste modo, a comparação de eleições e a busca de regularidades que nos permitam descobrir as peculiaridades próprias de cada eleição constituem, sem dúvida, tarefas de grande valor. A afirmação é certamente verdadeira quando aplicada aos estudos comparativos internacionais. Além disso, este tipo de análises pode abrir-nos os olhos para determinados problemas intelectuais comuns.

Encontro-me aqui hoje para lhes dizer algumas palavras a propósito da pesquisa eleitoral na Alemanha e dos esforços que têm sido feitos no sentido de instituir um projecto de estudos eleitorais à escala nacional. Embora a democracia alemã não se encontre já na sua infância, a verdade é que não dispomos ainda de um projecto deste género.

A primeira investigação académica sistemática sobre o comportamento eleitoral na Alemanha teve início em 1961 com o chamado «Estudo Eleitoral de Colónia»¹. Não pretendemos afirmar com isto que não se tenha realizado qualquer pesquisa eleitoral antes dessa data. Contudo, o tipo de investigação desenvolvido relativamente às primeiras eleições nacionais em 1949, por parte do Institut für Demoskopie (IfD Allensbach, 1949), bem como o estudo das eleições de 1953, realizado em 1956 por Erich Reigrotzki, que trabalhava no Instituto Unesco para a Pesquisa Social em Colónia, não satisfaziam os critérios de um estudo eleitoral, já que as pesquisas não eram realmente conduzidas antes e/ou depois das eleições nem eram entendidas

* Universidade de Heidelberg, Alemanha.

¹ Inventário dos Estudos Eleitorais Nacionais Alemães 1949-1998, anexo.

como estudos eleitorais. Não obstante, a utilização dos dados de 1953 por parte de Juan Linz no âmbito da sua dissertação (Linz, 1959) constituiu um importante passo para a sociologia eleitoral alemã (Kaase/Klingemann, 1994). Para as eleições federais de 1957 foi conduzido um painel de três vagas pelo DIVO². Esta pesquisa perdeu-se (ou, pelo menos, ainda não foi possível encontrar os dados até hoje), mas sabemos alguma coisa sobre os instrumentos utilizados e os resultados através dos relatórios inéditos do DIVO (1959). Estes documentos mostram que o estudo foi um empreendimento ambicioso tanto em termos teóricos como no que diz respeito aos métodos utilizados.

Isto não significa que os institutos privados não tenham utilizado as técnicas de sondagens de opinião para conduzirem pesquisas sociológicas transnacionais entre 1945 e 1961, pesquisas essas que serviram para aconselhar os partidos, o governo e os meios de comunicação. Dois desses institutos, o IfD Allensbach e o EMNID, fundados em 1945, desempenharam um papel dominante até finais da década de 70 e permanecem activos.

O começo tardio da pesquisa eleitoral empírica na Alemanha não significa que não existisse interesse pela investigação eleitoral a nível estatal e/ou federal por parte dos académicos ou das instituições políticas. Contudo, a pesquisa sistemática centrada nas universidades não se desenvolveu nessa altura porque os organismos governamentais e as fundações de investigação científica apoiavam principalmente as ciências *naturais*, e *não* as ciências *sociais*. Além do mais, os desenvolvimentos no campo da pesquisa eleitoral académica nos Estados Unidos, caracterizados pelo confronto intelectual entre a escola de Colúmbia e a escola de Michigan, não chegaram à Alemanha antes de finais da década de 50.

Assim, os estudos das eleições federais de 1953 e 1957 seguiram uma análise descritiva mais convencional, sem recorrerem a dados individuais (por exemplo, Sternberger, 1960), já que o autor não tinha acesso a tais dados nem financiamento para levar a efeito tal pesquisa.

No que concerne à base teórica e empírica, o primeiro estudo significativo de uma eleição alemã foi realizado em 1961 (Scheuch/Wildenmann, 1965). Três directores — Gerhard Baumert, do DIVO, Erwin Scheuch e Rudolf Wildenmann, da Universidade de Colónia — e cerca de vinte jovens cientistas sociais utilizaram extensivamente os dados individuais, nomeadamente, de três sondagens de opinião à escala nacional e de três séries de entrevistas conduzidas em quatro círculos eleitorais. Mais importante ainda foi a base teórica desse estudo, já que integrou os mais recentes desenvol-

² Instituto Alemão de Censos Populacionais, fundado em 1951 com o apoio do Gabinete do Governo Militar dos Estados Unidos e da Equipa de Análise de Reacções do Gabinete do Alto Comissário dos Estados Unidos na Alemanha.

vimentos internacionais no campo da pesquisa eleitoral e focou os elementos processuais e multinível dos estudos eleitorais.

O conceito foi apresentado pelos investigadores principais nos seguintes termos: «Não pretendíamos que o estudo das eleições gerais de 1961 fosse um estudo eleitoral no sentido habitual do termo. Em vez disso, e em conformidade com as nossas perspectivas relativamente à análise dos fenómenos políticos, pretendíamos que fosse um estudo sobre o contexto de uma eleição legislativa, um estudo de processos políticos precisamente centrado nesse momento em que as relações entre os elementos do sistema político são mais explícitas — uma vez que mais actualizadas — do que o habitual. E, neste sentido, entendemos o projecto de estudo eleitoral de 1961 como um estudo do sistema político democrático em acção» (Scheuch/Wildenmann, 1965, trad. de Kaase e Klingemann).

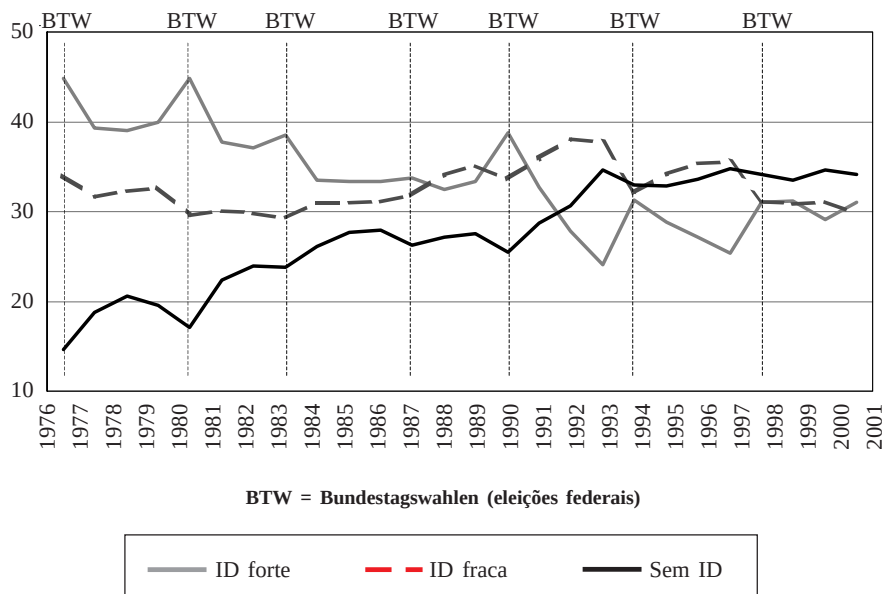
Isto significa que o «Estudo Eleitoral de Colónia» pretendia ser uma análise do funcionamento de um sistema político observado no momento em que o poder era distribuído pelo próprio soberano, o eleitor. O objectivo era identificar as condições propícias à alternância governativa dentro de um sistema democrático como o da Bundesrepublik. Tratava-se em parte de determinar a influência e as consequências das campanhas eleitorais e do sistema eleitoral sobre os resultados de uma eleição e de analisar a volatilidade do eleitorado. Por outras palavras, pretendia-se responder à questão das condições de estabilidade de um sistema e descrever a capacidade dos sistemas de reagirem à alternância governativa. Por fim, os autores procuraram também apurar as determinantes do comportamento eleitoral e utilizaram, nem sempre de modo explícito, as abordagens explicativas dos resultados eleitorais que na época eram alvo de debate nos Estados Unidos. A pesquisa eleitoral na Alemanha pode ser entendida, desde esses primeiros tempos até aos nossos dias, como um casamento entre essas duas tradições intelectuais, a da escola de Colúmbia e a da escola de Michigan (Falter, 1990), se bem que ao longo dos últimos dez anos se tenha debatido também a utilidade empírica dos modelos de escolha racional. A partir de meados dos anos 60, uma questão em particular — a de saber se o conceito de «identificação partidária» poderia ser aplicado à Bundesrepublik — desencadeou um prolongado debate entre os investigadores alemães (Berger, 1977; Falter, 1977; Gluchowski, 1983).

No início dos anos 70 este debate deu origem a uma «expressão funcionalmente equivalente» (Kaase/Klingemann, 1994) da questão da identificação partidária da escola de Michigan por parte de um académico norte-americano da Universidade de Mannheim, Frank Dishaw. Esta expressão tem sido utilizada desde então em todas as pesquisas alemãs, inclusive nas sondagens mensais e em muitas outras pesquisas. Se bem que o próprio conceito, bem como a sua aplicação, tenham sido por vezes alvo de fortes ataques (Küchler,

1990), foi pelo menos possível provar que — independentemente do modo como entendemos o conceito — um número crescente de pessoas já não se identifica com qualquer partido, assistindo-se a um processo de declínio no que respeita à percentagem daqueles que indicam uma forte identificação partidária.

Identificação partidária na Alemanha Ocidental, 1976-2001

[GRÁFICO N.º 1]



Um dos aspectos mais importantes deste instrumento de medição da filiação partidária de longo prazo, a ausência de estabilidade, pode ser observado no gráfico em cima: embora se verifique uma clara tendência de longo prazo, a verdade é que, de um modo geral, a identificação partidária costuma registar um aumento nos anos em que há eleições federais, já que nessas ocasiões os partidos dedicam muito mais atenção ao seu eleitorado do que nos anos em que não há esse tipo de eleições. Estas circunstâncias conduzem, pois, a uma subida momentânea da identificação partidária. A tendência negativa de longo prazo da identificação partidária poderá ser facilmente explicada com base nas mudanças sociais no seu conjunto.

A mudança estrutural da sociedade alemã ocorre lentamente, mas de modo estável. Factores importantes que determinam o comportamento eleitoral, como a estrutura ocupacional ou a pertença a certos grupos, mudaram

de forma gradual, mas as mudanças são enormes se tomarmos em consideração as últimas quatro décadas. Na Alemanha, as igrejas e os sindicatos — as organizações mais importantes que preparam o terreno fértil para os dois principais partidos — registaram em simultâneo uma perda de membros e de grande parte da sua capacidade de atraírem as pessoas para determinados fins sociais e políticos. Permitam-me que apresente apenas dois valores estatísticos: o número de católicos que frequentam a igreja regularmente diminuiu de mais de 60% em finais dos anos 50 para menos de 30% em finais dos anos 90. Os sindicatos perderam mais de 30% dos seus membros ao longo dos últimos dez anos. Em 1998, o operariado com ligações aos sindicatos, outrora o núcleo duro dos sociais-democratas, constituía 11% do eleitorado desse partido. Os católicos que frequentam regularmente a igreja, que anteriormente constituíam uma base de importância similar para os cristãos-democratas, constituem actualmente 15% dos seus eleitores.

Isto significa que os grupos sociais que, por meio de alianças com os partidos, se tornaram factores estabilizadores do sistema partidário sofreram mudanças tão profundas que a massa crítica — necessária à criação de efeitos de grupo — se tornou escassa. Trata-se de um desenvolvimento dramático para os dois principais partidos, já que estes se encontram em vias de perderem uma base sólida. Ao mesmo tempo, a dissolução das estruturas oferece aos partidos novas oportunidades de acesso às bases eleitorais dos outros partidos. Ao longo deste processo, os dois principais partidos alteraram o seu antigo papel de representantes gerais dos interesses de um determinado grupo social, convertendo-se em organizações de serviços orientadas para o curto prazo (von Beyme, 2000).

Não obstante, e dada a sua utilidade, as abordagens macro e micro-estruturais do comportamento eleitoral continuam a ser utilizadas na maior parte da investigação eleitoral na Alemanha para explicar os resultados eleitorais. A maioria dos votos pode ainda ser explicada através das teorias estruturais, mas não nos seria possível mostrar o quadro na sua totalidade se não incluíssemos também teorias para as decisões dos votantes menos estáveis. Assim, o modelo alemão apresenta diversos pilares: «o conceito de clivagem, como um factor determinante da filiação de longo prazo entre os grupos sociais e os partidos políticos, e os dois elementos do modelo de Michigan, concebidos com base nas dimensões políticas de curto prazo das votações: a orientação face às questões políticas importantes e a orientação face aos candidatos» (Kaase e Klingemann, 1994, p. 348).

Os anos 60 caracterizaram-se pela tentativa dos investigadores alemães na área dos estudos eleitorais de se porem a par dos desenvolvimentos teóricos e metodológicos da pesquisa eleitoral que se registava noutros países europeus e, especialmente, nos Estados Unidos. E não se tratou apenas de uma questão de adopção de métodos e teorias — também se procurou apurar se

o contexto político e cultural da Alemanha permitiria de facto a utilização desses métodos. O debate foi muitíssimo interessante.

A pesquisa eleitoral é sempre empírica e isto significa que é necessário encontrar recursos financeiros para a recolha e análise de dados. Na altura o financiamento público das ciências sociais era escasso, mas os meios de comunicação mostravam-se cada vez mais interessados em obterem informações sobre os resultados eleitorais e a análise dos mesmos. A imprensa sempre forneceu análises das eleições, mas, a partir do momento em que as previsões e projecções eleitorais se tornaram moda, a televisão começou a mostrar-se ainda mais interessada na cobertura das eleições. E as cadeias televisivas dispunham de meios financeiros para comprarem tais informações. Tratava-se de uma nova forma de informação política e de entretenimento e, ao mesmo tempo, era um jogo, uma espécie de corrida hípica, já que as duas cadeias televisivas nacionais da Alemanha competiam pela publicação da projecção mais rápida e precisa.

Esta corrida começou em 1965 com base nos resultados dos distritos eleitorais, que mais tarde seriam substituídos por resultados por freguesia. As primeiras projecções foram publicadas em 1965, três horas depois do encerramento das urnas, em 1972, uma hora depois do encerramento, em 1980, 29 minutos depois das 18 horas, e em 1998, 9 minutos depois do encerramento das urnas — e os resultados previstos revelaram-se sempre muito próximos dos resultados reais³. Nos últimos dez anos, grande parte do interesse público transferiu-se para as previsões dos resultados eleitorais publicados imediatamente a seguir ao encerramento das urnas. Estas previsões são realizadas com base em sondagens conduzidas à boca das urnas, que constituem outra excelente fonte para as análises estruturais do eleitorado e se baseiam em amostras bastante alargadas.

Em finais dos anos 80, a pesquisa eleitoral académica contava com dois centros: Colónia, onde Erwin Scheuch, Hans-Dieter Klingemann e Franz Urban Pappi conduziam uma ampla série de pesquisas políticas parcialmente financiadas pelo Partido Democrático Livre (FDP), e Mannheim, onde Rudolf Wildenmann, Max Kaase e Uwe Schleth trabalhavam para outros partidos políticos, principalmente os democratas-cristãos (CDU), bem como para a ZDF, uma das duas estações televisivas nacionais, que em breve faria a cobertura de todas as eleições estatais e federais. Estas pesquisas assentavam em dados agregados e em sondagens eleitorais periódicas. Passada a noite das eleições, estas fontes eram colocadas à disposição dos académicos da nova geração, que as utilizavam para procederem a novas análises. Foi a partir deste grupo que rodeava Wildenmann que surgiu, em 1974, o Grupo de Pesquisa Eleitoral, sob o nome de FGW. É este grupo que represento aqui

³ Em 1998, a diferença média entre a primeira projecção e os resultados reais foi de 0,15 pontos percentuais para cada partido.

hoje. Somos uma organização não lucrativa e trabalhamos exclusivamente para a ZDF, mas sempre mantivemos um estreito contacto com os investigadores académicos da área eleitoral.

Além de pesquisas eleitorais regulares para todas as eleições nacionais e estaduais, o FGW tem conduzido desde Março de 1977 uma sondagem mensal que contém as variáveis-padrão de que os investigadores eleitorais necessitam normalmente para as suas análises de longo prazo. Estes dados são utilizados num programa mensal de informação política (o *Politbarometer*) e após esta utilização ficam disponíveis à comunidade científica por meio do Arquivo Central para a Investigação Empírica de Colónia (ZA). A partir de 1980, os dados passaram a fazer também parte do conjunto de dados «Estudos de eleições nacionais na Alemanha».

Nos primeiros anos destas recolhas estão incluídos os já referidos dados relativos a Colónia e, para além disso, os dados do instituto de pesquisa KAS (Fundação Konrad Adenauer), dirigido por Werner Kaltefleiter, outro discípulo do «Estudo Eleitoral de Colónia». Kaltefleiter mudou-se para a Universidade de Kiel e, durante um longo período de tempo, prestou serviços de aconselhamento na área dos estudos eleitorais aos democratas-cristãos e a alguns meios de comunicação de massas, mas nunca alcançou a importância dos grupos de Colónia ou de Mannheim. Fora da esfera académica, os dois antigos institutos que já referimos, o IfD Allensbach e o Emnid, permaneceram activos na área do aconselhamento a partidos e a políticos através de sondagens. Elisabeth Noelle-Neumann destacou-se, em particular, quando aconselhou o ex-chanceler Helmut Kohl e despertou grande interesse público ao publicar previsões dos resultados eleitorais pouco antes do dia das eleições. Outro instituto comercial, o Infas, trabalhou para a primeira cadeia televisiva alemã (ARD). Se bem que a equipa do Infas tenha publicado alguns resultados interessantes no seguimento das suas pesquisas, tais dados nunca foram disponibilizados à comunidade académica.

Na Alemanha, a pesquisa eleitoral foi sempre levada a cabo por um pequeno grupo de indivíduos que soube inspirar aqueles que trabalhavam nos seus projectos: alguns destes seguiram o caminho da investigação, procurando novos problemas para resolver e novos recursos para o fazer. Em 1974 foi fundado em Mannheim o ZUMA (centro de sondagens, métodos e análise). Max Kaase tornou-se o primeiro director do centro, atraindo ao mesmo muitas pessoas que se interessavam pela investigação eleitoral, entre as quais Franz Urban Pappi, Hans-Dieter Klingemann e Manfred Kuchler. O grupo criou o «Projecto de Dados Eleitorais Alemães», que deu acesso aos dados das eleições nacionais alemãs a investigadores académicos de todo o mundo. Estes quatro investigadores realizaram diversos estudos sobre eleições nacionais em conjunto com o grupo que aqui represento. Esta colaboração revelou-se muito prolífica, além de bem sucedida. O trabalho de campo foi

parcialmente financiado pela Fundação de Pesquisa Alemã e em parte pela ZDF e por recursos institucionais do Forschungsgruppe Wahlen. Estes estudos incluem normalmente um painel de três vagas (duas anteriores e uma posterior às eleições), um estudo independente pós-eleitoral, além das pesquisas regulares mensais do *Politbarometer*. A situação continuou a desenrolar-se dentro destes moldes até 1994.

Paralelamente a estes desenvolvimentos, o grupo em torno de Max Kaase deu início a um estudo eleitoral internacional de carácter verdadeiramente comparativo, o «Projecto Eleitoral Transnacional», no qual os dados de pesquisa surgiam associados a informações de redes de trabalho pessoais e a dados provenientes dos meios de comunicação, dos partidos políticos e dos grupos de interesses. Depois de Max Kaase se ter juntado ao WZB (Centro Científico de Berlim) nos anos 90, onde se encontrava já Hans-Dieter Klingemann, os dois investigadores prosseguiram o seu trabalho conjunto, que contou também com a colaboração de outros. Para além da rede de trabalho «mais unida» que acabei de descrever, desenvolveram-se outros projectos de colaboração entre outros investigadores do campo eleitoral, não só alemães como também estrangeiros, que constituíam «uma rede de trabalho mais alargada», como Kaase a denominou. Estas interacções conduziram a uma série de publicações sobre as eleições na Alemanha, que tiveram início em 1970 no PVS, a principal revista trimestral sobre ciências políticas (Kaase, 1970), e posteriormente deram origem aos chamados «livros azuis», volumes muito extensos que cobriam a investigação realizada em todas as eleições federais desde 1980 até ao presente (Klingemann e Kaase, 2001).

Um novo centro de investigação eleitoral universitário foi criado por um grupo de estudos da associação alemã de ciências políticas. Jürgen Falter, Hans Rattinger e Oskar W. Gabriel, todos eles autores dos «livros azuis», lideram este grupo. Estabeleceram um painel de longo prazo que teve início em 1990 e que, em princípio, continuará até às eleições federais do Outono deste ano, incluindo por essa altura quatro eleições. Além das determinantes do comportamento eleitoral, este estudo contém variáveis que visam responder a questões sobre a integração político-cultural da Alemanha do Leste.

O quadro que descrevi até ao momento, caracterizado por diversos centros de pesquisa empírica académica, uma contínua falta de recursos públicos e institutos comerciais de recolha de dados que trabalham para diversos clientes, é verdadeiro para as décadas de 70, 80 e 90 e, em certos aspectos, continua a ser verdadeiro nos nossos dias. Existe pelo menos um estudo para cada eleição e, em muitos casos, existem vários — o que não existe é um estudo comum. Kaase e Klingemann descrevem a situação do seguinte modo:

Ao longo dos anos, um número bastante alargado de estudiosos ligados a universidades levou a efeito estudos eleitorais. Contudo, esta situação é

uma vantagem relativa, particularmente quando a comparamos com os projectos de estudos centralmente localizados e altamente institucionalizados. Embora sejam de louvar os estímulos e novas ideias que emergem de um grupo alargado de pessoas, o reverso da medalha é uma evidente falta de continuidade nos indicadores, inclusivamente dentro de cada grupo de pesquisa. Este facto é documentado no guia de continuidade sobre os estudos eleitorais alemães. A falta de continuidade enfraquece de modo bastante óbvio o potencial para análises longitudinais verdadeiramente comparativas, precisamente num momento em que o fundo de dados recolhidos cobre actualmente quatro décadas de eleições nacionais.

Ou seja, a Alemanha necessita realmente de um projecto de estudo eleitoral à escala nacional.

Em 1996 um grupo informal de cientistas políticos debateu a ideia do estabelecimento de um projecto de estudo eleitoral à escala nacional, criando um grupo preparatório que, em 1997, decidiu integrar a parte de sociologia eleitoral de um estudo em curso sobre «atitudes políticas, participação política e comportamento eleitoral» na Alemanha unificada num estudo eleitoral nacional alemão (*Deutsche Nationale Wahlstudie*). O principal objectivo desta iniciativa era o de tornar toda a informação disponível a todos os membros do grupo e a toda a comunidade científica imediatamente depois da recolha e processamento dos dados.

Em 1998 foi fundado o projecto de grupo «Estudo Eleitoral Nacional na Alemanha». Este grupo procurou coordenar as pesquisas para as eleições federais de 1998, obtendo êxito no alargamento de um estudo já planificado que foi financiado, na sua vertente especificamente eleitoral, pela Fundação de Pesquisa Alemã. Os dados foram colocados à disposição dos estudiosos interessados, mas apenas um ano depois da recolha dos mesmos⁴.

Realizam-se estudos eleitorais nacionais noutras democracias ocidentais, como, por exemplo, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, mas também na Suécia, Noruega, Dinamarca e Países Baixos. Estes estudos apresentam normalmente uma responsabilidade colectiva que permite contornar quaisquer concepções idiossincráticas e tomam em linha de conta os interesses das ciências sociais no seu conjunto. O mesmo deveria acontecer também na Alemanha.

Outro dos aspectos importantes é o da continuidade na utilização dos instrumentos, a permeabilidade (que significa que as boas ideias devem ter a oportunidade de serem levadas à prática, inclusivamente por jovens estudiosos) e, como já referi, a rápida disponibilização dos dados para estimular a competição científica e otimizar a qualidade das publicações.

No entanto, o «grupo» compreendeu que o campo da investigação eleitoral na Alemanha é tão heterogéneo que seria possível ter não apenas

⁴ Para mais pormenores sobre este estudo, v. Katja Neller e Oscar Gabriel (2000).

um, mas diversos grupos de estudo a trabalhar lado a lado, como aconteceu no passado. Não obstante, a Alemanha deveria desenvolver um projecto de estudo eleitoral principal, de carácter independente, que funcionasse como o módulo nuclear e que deveria ser complementado por outros módulos para estimular o surgimento de ideias inovadoras. Pretende-se que o núcleo de um estudo eleitoral nacional alemão seja um estudo pós-eleitoral. Outro elemento que deverá integrá-lo são os *Politbarometers* mensais, que contêm ainda suficientes indicadores para o desenvolvimento de mudanças de opinião durante uma campanha. Um terceiro elemento seria uma sondagem pré-eleitoral que deveria estar associada ao estudo pós-eleitoral por um conjunto de variáveis. O estudo eleitoral deveria ser coordenado pelo grupo já existente, mas não determinado pelas pessoas que fundaram o grupo. Inicialmente, o financiamento deveria ser feito pela Fundação de Pesquisa Alemã ou por instituições similares. A longo prazo seria necessário encontrar outras fontes financeiras, mas os fundos deveriam continuar a ser públicos.

Em Setembro de 2000 foi publicado um livro intitulado *50 Anos de Pesquisa Empírica Eleitoral na Alemanha*. Em certos aspectos, os resultados aí descritos são satisfatórios, embora haja ainda muito trabalho a fazer noutros domínios. Poderíamos fazer muito melhor em termos de análise comparativa se possuíssemos um estudo eleitoral à escala nacional como o que descrevi, já que poderíamos desse modo melhorar a nossa base de dados. Há, pois, que deitar mãos à obra.

BIBLIOGRAFIA

- BERGER, Manfred (1977), «Stabilität und Intensität von Parteineigung», in Max Kaase (ed.), *Wahlsoziologie heute. Analysen aus Anlaß der Bundestagswahl 1976*, *Politische Vierteljahresschrift*, 18, pp. 501-509.
- BEYME, Klaus von (2000), *Parteien im Wandel*, Wiesbaden.
- DALTON, Russell J., e ROHRSCHEIDER, Robert (1990), «Wählerwandel und die Abschwächung der Parteineigung von 1972 bis 1987», in Max Kaase e Hans-Dieter Klingemann (eds.), *Wahlen und Wähler. Analysen aus Anlaß der Bundestagswahl 1987*, Opladen, Westdeutscher Verlag, pp. 297-324.
- DIVO (1958), *Untersuchung der Wählerschaft und Wahlentscheidung 1957. Arbeitsbericht über Erhebungen im Wahljahr*, Frankfurt am Main/Bad Godesberg.
- FALTER, Jürgen W. (1977), «Einmal mehr: Läßt sich das Konzept der Parteiidentifikation auf deutsche Verhältnisse übertragen?», in Max Kaase (ed.), *Wahlsoziologie heute. Analysen aus Anlaß der Bundestagswahl 1976*, *Politische Vierteljahresschrift*, 18, pp. 476-500.
- FALTER, Jürgen W., SIEGFRIED, Schumann, e WINKLER, Jürgen Richard (1990), *Erklärungsmodelle von Wählerverhalten, Aus Politik und Zeitgeschichte, Beilage zur Wochenzeitung Das Parlament*, 37-38, pp. 3-13.
- GLUCHOWSKI, Peter (1983), «Wahlerfahrung und Parteiidentifikation. Zur Einbindung von Wählern in das Parteiensystem der Bundesrepublik Deutschland», in Max Kaase e Hans-Dieter Klingemann (eds.), *Wahlen und Politisches System. Analysen aus Anlaß der Bundestagswahl 1980*, Opladen, Westdeutscher Verlag, pp. 442-477.
- HIRSCH-WEBER, Wolfgang, e SCHÜTZ, Klaus (1957), *Wähler und Gewählte. Eine Untersuchung der Bundestagswahlen 1953*, Berlin, Vahlen.

- INSTITUT FÜR DEMOSKOPIE (1949), *Bericht über die 1. Umfrage der Wirtschaftspolitischen Gesellschaft von 1947 über die deutsche Situation (im Anschluß an die Bundestagswahl vom 14 August 1949)*, Allensbach am Bodensee, IfD.
- KAASE, Max (1970), «Determinanten des wahlverhaltens bei der Bundestagswahl 1969», in *Politische Vierteljahresschrift*, 11, pp. 46-110.
- KAASE, Max, e KLINGEMANN, Hans-Dieter (eds.) (1983), *Wahlen und politisches System. Analysen aus Anlaß der Bundestagswahl 1980*, Opladen, Westdeutscher Verlag.
- KAASE, Max, e KLINGEMANN, Hans-Dieter (1994), «Electoral research in the Federal Republic of Germany», in *European Journal of Political Research*, 25, pp. 343-366.
- KAASE, Max (2000), «Entwicklung und Stand der Empirischen Wahlforschung in Deutschland», in Markus Klein, Wolfgang Jagodzinski, Ekkehard Mochmann e Dieter Ohr (eds.), *50 Jahre Empirische Wahlforschung in Deutschland*, Wiesbaden, Westdeutscher Verlag, pp. 17-40.
- KLINGEMANN, Hans-Dieter, e KAASE, Max (eds.) (2001), *Wahlen und Wähler. Analysen aus Anlaß der Bundestagswahl 1998*, Wiesbaden Westdeutscher Verlag.
- KÜCHLER, Manfred (1990), «Ökologie statt Ökonomie: Wählerpräferenzen im Wandel?», in Max Kaase e Hans-Dieter Klingemann (eds.), *Wahlen und Wähler. Analysen aus Anlaß der Bundestagswahl 1987*, Opladen, Westdeutscher Verlag, pp. 419-444.
- LINZ, Juan (1959), *The Social Basis of West German Politics*, dissertação de doutoramento, Columbia University.
- MERRITT, Richard L.(1980), «The 'Cologne school' of electoral research», in *World Politics*, 32, pp. 599-622.
- MOCHMANN, Ekkehard, e ZENK-MÖLTGEN, Wolfgang (2000), «National Wahlstudien als Datenschwerpunkt im Zentralarchiv für empirische Sozialforschung», in Markus Klein, Wolfgang Jagodzinski, Ekkehard Mochmann e Dieter Ohr (eds.), *50 Jahre Empirische Wahlforschung in Deutschland*, Wiesbaden, Westdeutscher Verlag, pp. 587-595.
- NELLER, Katja, e GABRIEL, OSCAR W. (2000), «Politische Einstellungen, politische Partizipation und Wählerverhalten im vereinigten Deutschland: Die Deutsche Nationale Wahlstudie 1998», in Markus Klein, Wolfgang Jagodzinski, Ekkehard Mochmann e Dieter Ohr (eds.), *50 Jahre Empirische Wahlforschung in Deutschland*, Wiesbaden, Westdeutscher Verlag, pp. 542-563.
- REIGROTZKI, Erich (1956), *Soziale Verflechtungen in der Bundesrepublik. Elemente der sozialen Teilnahme in Kirche, Politik, Organisationen und Freizeit*, Tübingen, Mohr (Paul Siebeck).
- ROTH, Dieter (1998), *Empirische Wahlforschung*, Opladen, Leske + Budrich.
- SCHEUCH, Erwin K., e WILDENMANN, Rudolf (eds.) (1965), *Zur Soziologie der Wahl. Sonderheft 9 der Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozial-psychologie*, Köln/Opladen, Westdeutscher Verlag.
- SCHEUCH, Erwin K. (1990), «From a data archive to an infrastructure for the social sciences», in *International Social Science Journal*, 42, pp. 93-111.
- SCHEUCH, Erwin K. (2000), «Die Kölner Wahlstudie zur Bundestagswahl 1961», in Markus Klein, Wolfgang Jagodzinski, Ekkehard Mochmann e Dieter Ohr (eds.), *50 Jahre Empirische Wahlforschung in Deutschland*, Wiesbaden, Westdeutscher Verlag, pp. 41-58.
- SCHMITT, Hermann (2000), «Die Deutsche Nationale Wahlstudie — Eher kollektive Aufgabe als aktuelle Realität», in Markus Klein, Wolfgang Jagodzinski, Ekkehard Mochmann e Dieter Ohr (eds.), *50 Jahre Empirische Wahlforschung in Deutschland*, Wiesbaden, Westdeutscher Verlag, pp. 529-541.
- STERNBERGER, Rolf, ERBE, Friedrich, MOLT, Peter, e FAULT, Erwin (1960), *Wahlen und Wähler in Westdeutschland*, Villingen-Schwenningen, Neckar-Verlag.
- ZENK-MÖLTGEN, Wolfgang, e MOCHMANN, Ekkehard (2000), «Der Continuity Guide der deutschen Wahlforschung und der ZA Codebook Explorer», in Markus Klein, Wolfgang Jagodzinski, Ekkehard Mochmann e Dieter Ohr (eds.), *50 Jahre Empirische Wahlforschung in Deutschland*, Wiesbaden, Westdeutscher Verlag, pp. 596-614.